

# BARCELLOS

PERIODICO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

7.<sup>a</sup> VEZ.

CONDICÇÕES DA ASSIGNATURA  
Per trimestre . . . . . 240 rs.  
Franco de porte . . . . . 260 " "  
Numero avulso . . . . . 30 " "  
Assignasse em Barcellos, na casa da mesma typographia, rua Direita.

PUBLICA-SE AS QUINTAS-FEIRAS  
QUINTA-FEIRA 2 DE FEVEREIRO DE 1882

PREÇOS DOS ANUNCIOS  
Na mesma casa recebem-se annuncios e correspondencias a 30 rs. por linha, com abatimento aos srs. assignantes da 4.<sup>a</sup> parte—annuncios repetidos 10 réis.

N.º 37

## BARCELLOS

### JANTAR REGENERADOR NA APULLA

(continuado do numero 36)

Snr. Redactor.

O celebre D.<sup>o</sup> Pangloss, protagonista do *Optimista* de Voltaire, dista, segundo m'o affirmo o meu amigo *Majico*, homem lido no sagrado e no profano, e que tem lido tudo e advinha o que não lê, que este mundo é o melhor dos mundos possíveis, e não se desmanchava d'este seu credo, ainda mesmo no acio das maiores prova-

ções e dos mais apertados lances por que passou, e dos quaes o mais terrivel talvez foi o vêr-se e sentir-se cahir aos pedaços, por ainda no seu tempo não haver um Assis que com tanta proficiencia, como o de Faro, applicasse a celebre formula de Z'trin, modificada pelo esclarecido Dr. Cumano.

Se assim pensava o Pangloss, visto que eu juro a tal respeito sómente na palavra instruida e honrada do meu caro *Majico*, eu, sr. Redactor, penso quasi de moleo identico ao d'elle, e posso assim, sem dymasiada jaectancia, diser-me o Dr. Pangloss do seculo 19.<sup>o</sup>.

Tudo para mim corre sempre ás mil maravilhas, e de tudo que a sorte me depara faço por tirar sempre o melhor proveito, sem me

importar com paixões que não fazem bom couro nem bom cabello, e uma das minhas favoritas é o diser popular: *Leve o diabo paixões e quem com ellas medra!*...

Não há magoa no mundo que valha a ponta d'um cigarro.

E' por este motivo que me não affljo com o que por ahí possam dizer e digam de mim, e que o minimo cuidado me não dá que contra mim corra ou deixe de correr algum processo em Juizo. O que fór soar, e como o finado *Gato Bravo* de Barcellinhos digo e direi sempre: *Eu cá estou!*...

Isto porém, não tira que eu não me aproveite de toda occasião para os meus arranjos, e que não metta a unha, sempre que o possa, quer em proveito proprio, quer

para arranhar e esfolar se poder, quem me offenda.

Baseado n'estes principios e sentimentos, desejando tirar d'esforra, sem grande dispendio de dinheiro nem de tempo, do petulante empregado que a bem não tomara as duras palavras que lhe diriji, e contra mim deu queixa, tratei de aproveitar as queixas fundadas ou não (a mim bem se me dá que o sejam ou não sejam...) que uns tantos disem ter do sujeito, e consequi, de mãos dadas com o Badana, reunil-os em crusada commum contra elle, ao fim de se promover e obter senão a sua demissão a sua transferencia para bem longe d'aqui... Para isso tivemos duas

## FOLIETIM

Fernando Garrido

Monita Secreta

ou

INSTRUÇÕES OCCULTAS DOS JESUITAS

(Trad. Maxoel Bruno)

AOS LEITORES

Como todas as coisas más são negáveis, os jesuitas negam por todos os meios a authenticidade d'esta obra: trabalho inutil, ainda que logico, a que estão sujeitos por voto de obediencia, a negarem as mais comprovadas verdades.

A *Monita Secreta* foi encontrada manuscrita em latim, entre os papeis do padre Brothier, ultimo bibliothecario da *Compagnia* em Pariz, antes da revolução franceza e está conforme com a edição de «Paderborn», feita em 1661, e ultimamente, com o manuscrito, prefeitamente authentico, que existe no archivo da Belgica, no palacio da justiça de Bruxellas com o título de «*Secreta Monita, ou Advis Secrets de la Société de Jésus.*»

Nunca até hoje se publicou em castelhano e é por esta razão que o exarte aqui, (1) traducindo-o da 6.<sup>a</sup> edição publicada em Pariz em 1865, com o

texto latino em frente do francez, para que os leitores apreciem até onde pode chegar a hyocrisia adoptada como regra de conducta, para accumular riquezas, enganando e corrompendo os incautos sob protexto de religioso.

### PRELIMINAR

Os superiores devem guardar cuidadosamente na sua mão estas instruções particulares, e não as devem comunicar senão a alguns professos quando o exija a conveniencia da «*Sociedade*», e isto só será feito debaixo do juramento de guardar o maior segredo, e (ã) como se fossem escriptos por outro, senão como producto da experiencia de quem as dá. Como muitos professos conhecem estes segredos, a «*Sociedade*» ordenou desde a sua fundação, que todos que os saibam não possam passar a outras ordens, a não ser á dos Cartuchos, por viverem muito retirados das povoações e o papa assim o conceder.

E' mister que haja o maior cuidado para que estas instruções não saiam de nosso poder porque os nossos adversarios lhe hão de dar uma interpretação sinistra, por incidia á nossa instituição. Se isto succeder, o que Deus não permita, deve-se negar que são estes os sentimentos da «*Sociedade*», fazendo que assim o affirmem os, que por experiencia sabemos que o ignoram, impondo-lhe as nossas regras gerais e as nossas instruções, sejam impressas ou manuscritas.

Os superiores devem sempre investigar cuidadosamente, e com prudencia

se algum dos nossos descolre aos estranhos estas intruções secretas, e a ninguém se consentirá, que as copie, nem para si nem para outrem, sem consentimento do Geral, ou pelo menos do Provincial, e se houver suspeita de que algum dos nossos não seja capaz de guardar tão grandes segredos, que seja despedido.

### Capitulo Primeiro

De que modo se deve conduzir a «*Sociedade*» quando começa alguma fundação

1.<sup>o</sup> Para se tornarem agradaveis aos povos vizinhos, é de grande conveniencia explicar-lhes o objecto da «*Sociedade*», tal qual como está prescripto nas regras em que se diz que a «*Sociedade*» se deve applicar com todo o esmero e cuidado á salvagação do proximo como á sua propria.

Para este fim devem introduzir-se nos hospitales e desempenhar as mais humildes funções, visitar os pobres e os encarcerados. E' preciso ouvir as confições com benevolencia, e ser bastante indulgente para com os penitentes, para que as pessoas mais importantes admirem e amem os nossos, tanto pela caridade que mostrem para com todos, como pela novidade da sua brandara.

2.<sup>o</sup> Que todos tenham presente o deverem pedir, modesta e religiosamente, os meios de exercer os misteres da «*Sociedade*» tratando, ao mesmo tempo de alcançar a benevolencia, principalmente

dos ecclesiasticos e dos seculares que exercem cargos de auctoridade publica ou particular, porque dia virá em que lhe possam ser precisos.

3.<sup>o</sup> Devem percorrer os lugares afastados e patentearem a extrema pobreza em que os nossos vivem, recebendo ao mesmo tempo as esmolas que lhe queiram dar, por mais pequenas que sejam.

Logo devem dar esmolas aos pobres, a fim de captarem as sympathias e boa opinião dos que ainda não conhecerem a «*Sociedade*» e para que sejam generosos para com os nossos.

4.<sup>o</sup> Que todos pareçam inspirados pelos mesmos sentimentos, e que aprendam a mostrar as mesmas maneiras, para que a uniformidade de tão grande numero de pessoas, os torne sympathicos e respeitaveis.

Os que assim não fizerem que sejam despedidos por prejudiciaes,

5.<sup>o</sup> Os nossos, ao principio, não devem comprar propriedades, porém se lhe forem muito precisas, que as comprem em nome de amigos fieis, que a isso se prestem e que não divulguem o segredo. Para que sejam considerados como extremamente pobres, convenem que as terras que possuamos junto a qualquer collegio se passem a outra pessoa dos nossos, para que principes e magistrados não saibam a quanto ascendem as rendas da «*Sociedade*».

6.<sup>o</sup> Que não se estabeleçam collegios, senão nas cidades ricas.

(Continúa)

(1) Na ultima parte dos «*Pobres Jesuitas*» (Nota do trad.)

reuniões maguas do nosso partido em casa do Domingos Pucarinho, e em ambas ficou decidido o caso. Vae pois em breve ser satisfeita a minha vingança, e não há santo algum na corte do céo que possa valer ao condemnado, pois obtive que D. Badana possesse superiormente a questão nos termos de *ou elle Badana ou elle F.1.*

Houve duas reuniões dos nossos correligionarios, disse eu, e ambas foram imponentes, e sobretudo a segunda, pelo modo rasgado, definido e corajoso com que n'ella se houve o Domingos Pucarinho, quando decretou mandado de despejo para o olho da rua contra Manoel A. e José Lôrpa, que da assemblea faziam parte, áquelle por ousar ponderar que motivo lhe não parecia haver para tão rigorosamente se proceder contra o F., e a este por se atrever a perguntar com que direito tomavam parte na reunião os *trapos e farellos*, pae e filho...

Foi obra bem feita o caso para louvores a decisão tomada pelo Pucarinho. Pois que lhe importava ao M. A. que em desaggravo meu e de outros offendidos como eu, se volasse a demissão ou transferencia do F.. E que tinha o José Lôrpa com que os *farellos* viessem á reunião, se tambem queixosos eram do F. por este ter sido *demasiado bom para com elles?*...

Eu bem sei que o Lôrpa queria alludir a não serem os *trapos* regeneradores, ou antes a não terem sido regeneradores ultimamente... Mas nem n'isso tinha elle razão, pois é bem publico, que escreveram elles ao seu chefe politico a preceitual-o para que subisse ao poder em praso breve, sob pena de o abandonarem e se filiarem baldomeras; e como o seu chefe não lhes satisfizesse a vontade no tempo marcado, voltaram-lhe as costas, com immenso pesar e fanda magoa d'elle que contava os *farellos* como os mais fortes osteios do seu partido, e vieram para nós...

O que houve de extraordinario, porém, na expulsão dos dois não foi o acto em si, mas as apimentados e frisantes palavras com que o acompanharam os amigos Badana e Pucarinho, dirigidas ao José Lôrpa e M. A.. Essas não as applaudo eu, porque foram tocar em cordas snecesiveis dos dous, a corda de seus arranjos, e d'estes e para estes vivemos nós todos, os baldomeras que só para isso o somos. Foi levar a causa muito longe...

As noticias dos ultimos aconte-

cimentos tanto do Porto, respeitantes á prisão das maiorias das comissões do recenseamento, como de Lisboa concernentes ao tratado do commercio com a França, faziam-nos receiar a queda proxima do governo, e alguns cuidados nos chegaram a dar, mas felizmente, segundo telegramma recebido, da capital, a brilhante estreia que o nosso deputado fez no parlamento, zuziando os progressistas, consolidou o ministerio para largos tempos, e deu cabo da maldita Granja para sempre.

Nunca me enganei quando disse que o *nosso homem era elle*, e que *elle era o nosso homem!*

(Continúa.)

B. das Cautelas.

## CORRESPONDENCIAS

Lisboa 29 de Janeiro de 1882

(DO NOSSO CORRESPONDENTE)

Vamos hoje demonstrar em poucas palavras, aos adoladores *bardalugos*, que as festas em honra dos reis de Hespanha não foram o que elles dizem e que mentem com todo odescurecimento quando affirmam que o paiz se ergueu como um só homem para festejar os representantes da nação vizinha.

O povo assistiu ás festas, é um facto, mas foi por um intuito de curiosidade e não em attenção aos monarchas porque na sua passagem pelas diferentes ruas de Lisboa, não houve quem tirasse o chapéu em signal de respeito, nem quem levantasse um viva como demonstração de respeito, a não serem uns inglezes aviçados que estavam n'um hotel do Cais do Sodré.

No dia em que Affonso XII foi almoçar á legação de Hespanha o seu ministro assalariou 50 galegos a 20 réis cada um para darem vivas, mas os collegas dos assalariados, tal *troça* lhes fiseram que os homens retiraram corridos de vergonha e o rei Affonso não teve vivorio!

O baile no palacio do sr. Carlos Eugenio, que os *bonifrates* do sr. Fontes quiseram alcauzar de commercial, foi pago pelo Burnay, não sabemos se á custa dos cofres da *companhia—escalracho*, se nação portu-gueza) a associação commercial nada teve com essa festança, nem com as mais, e a prova está no protesto que alguns membros d'essa associação, publicaram no *Seculo*, nem podiam deixar de o fazer, porque o baile *Burnay & C.<sup>a</sup> Eugenio* foi a maior de todas as vergonhas. Ás 3 horas da manhã foram postos fóra do palacio, alguns convidados, pelo estado de embriaguez em que estavam, tendo, á 1 hora sahido o sr. Sagasta por se envergonhar de estar no meio de tantos

*barrachos* que se achavam nas salas do baile!

Neste baile deram-se scenas, que por serem vergonhosissimas, nós aqui não relatamos, nem estas que mencionamos e outras que vamos mencionar, viriam sujar as columnas do nosso jornal, se um *chichiméco bmanzola* não viesse dizer que «o entusiasmo ultrapassou os limites anormaes»!

Nem os proprios monarchas se entusiasmaram, porque se sentiram humilhados em presenca da attitude severa com que o povo se apresentava na sua frente! Em que consistiu, então, o tal «entusiasmo»? Foi no baile do paço? Nem aqui; porque a maior parte dos que lá appareceram, não foram convidados mas sim obrigados; que o digam os officiaes do exercito, a quem *bifaram* os capotes.

As scenas que se deram no palacio de christal, repetiram-se no da Ajuda, mas nós sabemos quem são os *camarilheiros* que depois de furtarem punhaes, para não desmentirem os *bons creditos* que tem, *empalmam* casacos e trocam capotes!

Ah! mas tudo isto é desculpavel, porque foi motivado pelo *entusiasmo*...

A tourada tambem foi uma manifestação *espontanea* do sr. Alfredo Anjos, segundo disseram alguns adoladores de D. Mignifico, mas o que é certo é que o senhor Anjos recebeu 13:55:000 réis. A tourada foi feita a pedido do *príncipe—faz-e-arranjo*, e quem a pagou? Naturalmente a mesma mão que pagou todas as outras pandegas, incluindo o fogo, apesar de dizerem que foi feito por uma subscrição, mas esta só rendeu uns 900:000 réis, e o fogo custou mais de 20 contos! Mas foi bonito e o Burnay gostou d'elle porque vendeu por 70 libras o caço d'um *charrico* velho para fazerem uma foguetra no meio do Tejo.

E assim se queimaram sem graca nem utilidade (senão para o Burnay) 315:000 réis! Mas elles tiveram o casco velho bem ao largo para que o povo não presenciasse de perto, a maneira porque o sr. Fontes esbanja os dinheiros da nação, em proveito dos seus apaniguados.

Aqui tambem o *entusiasmo* foi muito alem do que se esperava, foi tão grande que desconfiados os *festeiros* de que as pequenas embureças permaneciam amarradas ao cêo, os denaram a todos os *citricios* e donos de barcos para que das 6 horas da tarde em diante se fizessem ao largo, sendo-lhes prohibido atracarem á muralha do Alamo, antes do fogo concluir, sendo ao mesmo tempo, avisado para irem á abegoaria municipal buscar balões e lanternas para embelezarem os bôtes; tal foi a espontaneidade e *entusiasmo* do povo pelos reaes visitantes!

Na corrida de cavallos no hypodromo de Belem, encontrar-se-hiam os festeiros sosinhos, se não annunciasssem em grandes cartazes, que os peões (o povo) tinham entrada gratuita, de contrario ninguem lá apparecia a não serem os comparsas de toda essa comédia burlesca que se representou em Lisboa.

Na parada não fallamos, porque basta a triste recordação de ouvirmos tocar ás nossas tropas, o hymno do descendente d'essa raça maldita que nos escravizou pelo espaço de 60 annos. Mas deixemos as considerações que nos suggere este humilhante espe-

ctaculo em que os netos voltaram as costas ao avô e a cara para as metretises da Calçada do Cariao! Admiravel contraste!

O povo não dispensou á monarchia um sorriso nem um viva, mas em compensação dispensou-os ao corço do marinheiros e dos alumnos do collegio militar, que foram calorosamente victorizados na occasião em que passavam pela rua do Ouro.

E que o povo vê na nossa marinha os representantes das nossas gloriosas conquistas e nos alumnos do collegio militar os futuros defensores da patria, em quanto que na monarchia só vê a tyrannia e a oppressão, só vê os descendentes de covardes que abandonaram a patria ao invasar fugindo para o Brazil, só viu o algar d'um nosso compatriota, em Pinosponte; em fim o povo olha de soslaio para a monarchia por que bem sabe que é ali que está todo o mal que o flagella, e é na corte que se acoitam traidores da patria e da liberdade.

Agora continuem os bajuladores a dizerem que «o paiz se ergueu como um só homem para festejar os *representantes* da nação vizinha», e que o entusiasmo ultrapassou os limites normaes; que nós continuaremos a desmascarar os intrujões e a escalpelar as postulas crapulosas dos seus... patrões.

«Um povo não affirmar a sua superioridade com ostentações inuteis» como essas festas em que os nossos governantes gastaram mil contos de réis arrancados á miseria e fome de centenares de familias; «mas provando com factos o grão *mais ou menos* avançado da sua civilização», como succedeu pelo tricentenario de Camões, em que se não festejavam reis mas sim heroes: como succedeu em 13 de março de 1881, pelo tratado tração do sr. Corvo, em que o povo, mais uma vez, demonstrou quanto pode e quanto val. E assim que um «povo affirmar a sua superioridade» e tambem com a actividade severa com que recebe as festanças dos aliados contra as suas liberdades.

«Muitas nações promoveram hoje grandes festijos como meio d'acudir ás classes menos abastadas» e uma das ultimas foi a França que promoveu, não uma festa em honra d'esta ou d'aquella individualidade realteza, mas sim em honra e como estímulo a todos os industriaes, a todas as classes e a todas as classes trabalhadoras e produtivas do Universo. E com estas festas que «as classes menos abastadas» e as nações lucraram muito e não com paradas vistosas, fogos, touros, caçadas e mil outras estroinices em que se gastam á custa da nação e sem proveito algum dois mil contos de réis.

Mas a França é republicana e Portugal e Hespanha são monarchicos, a França tem ministros que reduzem os impostos e appresentam grandes saldos, enquanto que Portugal tem dividas insoluveis e ministros que dizem «o povo pode e deve pagar mais».

Por hoje basta, o que não quer dizer que não voltamos ao assumpto.

No dia 23 effectuou-se na associação

academica uma reunião da commissão encarregada de commemorar o centenario do marquez de Pombal, adoptaram-se as seguintes resoluções-

1.º—Que se envie circular a todas as classes e um manifesto ás associações e redacções dos jornaes, com o fim de se organizar uma subscrição publica para a commemoração do centenario, e com o fim de se crear um instituto de educação.

2.º—Que se convidem homens de letras e estudantes a fiserem conferencias sobre o marquez de Pombal e a sua epoca, para preparar o espirito publico.

3.º—Que se organise um bazar com o fim de realizar a caixa de soccorros a estudantes pobres.

Associamo-nos com todo o prazer as boas intenções da commissão academica e faremos da nossa parte tudo que estiver ao nosso alcance para que os esforços patrioticos d'essa pleiade de mancebos, cheios de vida e enthusiasmo por todos os acontecimentos que podem servir protexto ás grandiosas manifestações do pensamento e á radicação da Democracia no espirito dos povos.

Desde já promettemos de tratar d'este importante assumpto, com tanta amplitude quanta permite o nosso fraco e humilde criterio.

A respeito de trabalhos parlamentares nada podemos por em quanto dizer porque *dignos*... paes da patria, nada tem feito mais do que metterem na urna as listas para as eleições das varias commissões de comparsas que figuram n'quelle comedia.

Temos notado que o sr. Novaes é dos que menos se desceuda á chamada; meia hora antes do secretario chamar, já o sr. Novaes está perfilado de lista em punho ao pé da urna: é muito pontual, lá isso é.

Mas n'um dos ultimos dias estava o sr. Novaes ao pé do sr. visconde da Ribeira Brava, e um sujeito, pouco sciante das regras do *regimento* parlamentar, perguntou a outro:— «Aqui tambem ha praticantes?»

— Não, ha automatos.  
— Então quem são aquelles dois *meninos* que estão encostados ao fogão!  
— São dois dos taes...  
Ah!!!!...

Numa das sessões parlamentares, o sr. Marianno de Carvalho requereu ao sr. Hintz Ribeiro para que fosse apresentada á camara uma copia da carta que o sr. D. Luz enviou á rainha Victoria, pedindo-lhe o addiamente do tratado de Lourenço Marques.

O sr. Hintz negou a existencia da carta, porém o sr. Sampaio declarou na camara dos pares que fora elle que aconselhou ao rei que escrevesse á rainha de Inglaterra pedindo-lhe o addiamento do tratado, e que não recelava essas responsabilidades assim como não declinava a dos artigos que por essa occasião escreveu na *Revolução de Setembro*.

Foi um diploma de *trapalhão* que o sr. Sampaio pasou ao sr. Hintz!

E não julguem os leitores que o sr. Hintz deixou de ir ás camaras, não senhores, continua a comparecer com o sua inalteravel *seriedade!*  
São d'um egoismo espantoso!

Commeçamos hoje a publicar em folhetins—*A monita Secreta,—ou as instrucções que regem a Companhia de Jesus.*

Julgamos de todo o ponto util a tradução d'este importante documento para que os incautos se precavenham contra as perfidias traçoeras d'essa maldita seita que tantos prejuizos tem causado á humanidade.

Sabemos que esta obra se acha traduzida conjunctamente com as *Pobres Jesuitas* do sr. Fernando Garrido, mas nada temos com essa tradução, o trabalho que vamos encetar tende ao fim a que o auctor o escreveu,—vulgarisar os manejos d'essa turba de saltadores da consciencia e da propriedade alheia foi o fim do sr. Garrido e é o nosso tamhem.

M. Bruno.

1.ª ultima hora

Lisboa 27—1 | 82.

A camara dos deputados acaba de se constituir em sessão secreta para approvar o tratado do commercio com a França.

Chegou uma commissão de industrias do Porto e entregou, mesmo nos cofredores da camara dos snrs. deputados ao sr. Hintz Ribeiro uma apresentação contra o tratado: a commissão foi mal recebida por este sr. ministro.

No domingo 29 do corrente effectam-se dois comicios, um promovidos pela associação dos merceneiros e outro pelos fabricante de lanificios, para protestarem contra o tratado.

A agitação recresce e a indignação é geral, contra a covardia do governo.

A hora em que estou escrevendo (7 da noite) o povo aglomera-se no largo das Cortes. Esperam-se acontecimentos desagradaveis.

Do que houver darei parte.

M. Bruno.

Ao despertar do amor

(á minha Aurora)

Branca Aurora,  
Que no ceu raiaste,  
Candida virgem  
Amor me inspiraste!

Branca Aurora,  
No ceu appareceu;  
Fugiram as trevas  
D'este coração só teu!.

Branca Aurora,  
De matiz alvor,  
Só a ti jurei  
Eterno, puro amor

Branca Aurora,  
Reveste esses prados,  
De orvalh o celeste  
Esperança dos namorados

Branca, Aurora  
Do pobre alegria,

Conforto suave  
Excelsa...harmonia!

Branca Aurora,  
Flor tão mimosa,  
Do jardim rainha  
A mais magestosa.

Branca Aurora,  
Que no ceu raias-te,  
Candida virgem  
Amor me inspiraste!

Barcellos,  
Janeiro  
1882

Alfredo.

UM SONHO

Tive um sonho; ai, que sonho!  
Tudo doirado de amores!  
Porém foi um sonho mentido;  
Deixou-me magoas e dores.

Já tinha a aurora raiado,  
A luz do sol já brilhava,  
E pelos vergeis de flores  
Ella, a diva, passeava.

Nas faces tinha o alvor  
Das puras manhãs d'abril;  
Era bella! e, como a roza,  
Mimoza, meiga e gentil.

Seus olhos eram formosos!  
Olhos assim nunca vi!  
Tinham belleza e encantos,  
Que eu por elles morri.

Hoje de balde eu procuro  
A minha gentil visão!  
Ficou o sonho; foi tudo  
Uma doirada illusão!

Santos.

TELEGRAPHIA

AO BARCELLENSE

LISBOA, 31 AS 8 HORAS E 10 K. DA M.  
(do nosso correspondente)

Sessão na Camara dos Deputados tumultuosa. Caetano Carvalho provocou Marianno Carvalho desforçaram-se á pancada.

EXPEDIENTE

Reza-se nos snrs. assignan-

tes a finesa de mandarem satisfazer as suas assignaturas em debito em consequencia desta empresa ter compromissos que devidamente tem de cumprir, e por isso lembra aos snrs. assignantes tanto da villa como de fora o pagarem logo que lhe sejam apresentados os ditos recibos, o que a empresa desde já agradece a todos os nossos estimaveis assignantes.

A Administração

ANNUNCIOS

ATENÇÃO

Aluga-se a casa habitada pelo escriptor Silva, na rua das Flores d'esta Villa, quem a pertender falle com João Pereira Dias a principio no primeiro de março proximo.

INSTRUÇÕES REGULAMENTARES PARA USO DOS

DELEGADOS PAROCHIAES

Contendo todas as disposições applicaveis a estes funcionarios, segundo as ultimas leis e regulamento sobre o casino obrigatorio.

Preço . . . . .80 réis.

Cadernos para o recenseamento das creanças na idade escolar com suas respectivas capas e notas, confeccionados em harmonia com o modelo official.

Preço cada caderno 60 réis.

Os pedidos devem ser dirigidos á administração da *Verdade*—Rua Direita da Varzea Pequena n.º 99—Thomar, que remetterá prontamente as requisições feitas, francas de porte, mediante a sua importancia em estampilhas de 25 réis ou vales do correio.

Sempre é bom saber-se

Antonio Pires, morador na Rua Direita desta villa, faz publico que desde esta data, se encarrega de qualquer *encommenda* para levar desta Villa para o Porto ou vice-versa, o que faz ás terças e sabados de cada semana.

Barcellos 2 de janeiro de 1882.

Antonio Pires.  
(3)

ALUGA-SE

José Gomes Agra da freguezia d'Alvellos tem um carro de quatro rodas tirado por um cavallo o qual freta para toda a parte

**ALUGA-SE**

Manoel Rodrigues, da freguesia d'Oliveira, deste concelho tem um carro de quatro rodas, puchado por um cavallo, que alluga por preço commodo; as pessoas da sua freguezia ou de qualquer, podem vir n'elle, todas as quintas feiras, para Barcellos;—tambem o aluga para qualquer parte. (5)

**O vigor do cabello**

Do dr. Rubber é o melhor producto inglez conhecido e recomendado em Inglaterra para os seguintes fins.

1.º Completa renovação do cabello branco á sua primitiva cor, preto, castanho, ou louro.

2.º Provocar a nascença e crescimento do cabello fraco, e de outro que tem caído por doença.

3.º Conservar o casco livre de doenças, e fazer dissipar a caspa infallivelmente ao cabo de dois dias.

4.º Fortalecer o cabello dando-lhe um brilho muito agradável, tornando-o muito sedoso e macio, tendo a vantagem de não manchar o casco da cabeça ou a roupa branca, não alterando o seu effeito á acção do sol ou do suor.

Emfim o «vigor» do dr. Rubber (visto o cabello branco ser uma doença como outra qualquer) é o remedio infallivel quo deve ser usado por todas as pessoas que se de-veur curar de uma molestia que não respeita muitas veses nem as pessoas novas.

O «vigor» do dr. Rubber, é hoje o melhor preparado para conservar o cabello, asdando-lhe o brilho da juventude, masim como tambem é o preparado sãois economico, porque os frascos muitissimo grandes.

**O restaurante do dr. Rubber.**—A applicação do restaurador da belleza, torna a cutis macia e alva, dando-lhe a formosura e mocidade, tira as sardas, panno da cara e o tostado do sol.

O Restaurador da belleza deve tser usado por todas as senhoras e-pegntes em lugar de pó de arroz, oraque torna a cutis muitissimo clara e não se póde conhecer a sua applicação, o que não acontece com o pó de arroz, que muitas vezes faz effeito contrario ao desejo.

As plantas mais higienicas entram na sua fabricação, o que faz com que tenha um cheiro muitissimo agradável e penetrante. O restaurante do dr. Rubber tambem é muitissimo recommendavel para banho, no qual uma quarta parte do conteúdo de cada frasco dá um bello aroma e torna o corpo aveludado.

**La tintura do dr. Rubber.**—Torna rapidamente o cabello á sua primitiva cor, preto, castanho ou louro.

A prova que esta tintura não tem ingredientes que a tornem nociva, é que póde ser usada no cabello, bigode e barba, sem deixar mancha alguma tanto na calis como nos colarinhos.

**Oleo do dr. Rubber.**—Todas as pessoas devem ter presumpção na formosura do cabello; o dr. Rubber inventou um preparado a que

poz o nome de OLEO (mas que tal não é), cuja applicação na cabeça penetra nas bulbas capilares, fazendo nascer e crescer o cabello debil, enfesado e outro que tem cahido por doença, dando-lhe força e brilho.

Este preparado é o unico no seu genero que dá lustro ao cabello tornando-o flexivel e sedoso; sem deixar NODOA alguma, o que não acontece com oleos e pomadas, que suam o casco da cabeça, coadjuvando a formação da caspa.

A' venda no Porto, **drogaria medicinal do Abreu**, rua de Belloimonte n.º 8 e 10.

Deposito e agencia geral em Portugal para onde devem ser dirigidos todos os pedidos e esclarecimentos: Antonio Dias rua do Arco do Marquez d'Alegrete, 65, Lisboa, drogaria Lusitana. (10)

**Doença assustadora**

Mortificando grande numero de pessoas

Esta molestia principia por um pequeno desaranjo de estomago, que não sendo tratado desde o começo, desenvolve-se por todo o corpo e ataca principalmente o baco, o figado, o pancreas e todo o systema glanduloso. As pessoas acommettidas por esta doença arrastam uma existencia desgrayada.

Todos se enganam sobre a natureza d'esta doença; o leitor, porém, poderá julgar se está atacado, fazendo a si proprio as seguintes perguntas:

Sente-se dificuldade, dor, incommodo em respirar depois das refeições? Sente cansasso incessante?? Os olhos tem cor amarelenta? Pela manhã as gengivas e os dentes estão cobertos de um muco espesso e pegajo, de gosto desagradavel? A lingua está saburosa? Sente-se dor nos lados e nas costas? Sentis oppressão do lado direito, como se o figado tivesse crescido? Tendes prisão de ventre, vertigem e tonturas, ao levantar-vos d'uma posição horizontal? As urinas são raras, carregadas? Formam deposito?

Os alimentos fermentam logo depois das refeições? Tendes palpitações de coração? Estes symptomas podem não se apresentar todos d'uma vez; mas ainda assim muito se afflige o doente. Se a molestia se prolonga, manifesta-se tosse secca e irritante, seguida de expectoração no fim d'algum tempo.

Agravados os padecimentos do figado e do baco apparecem dores rheumaticas, e neste caso é inefficaz o tratamento usual.

E' por tanto importantissimo que seja o mal combatido com promptidão e cuidado, e quando já esteja inveterado, o verdadeiro remedio deverá ser tomado até que volte o appetite e recuperem os orgãos digestivos as condições normaes.

Esta molestia é considerada de figado, e o remedio mais seguro, mais efficaaz contra mal tão medonho, é o «Xarope curativo Seigel», preparação vegetal feita na America,

Este Xarope destroe a verdadeira causa do mal, por isso cura radicalmente a doença. Proprietario «Xarope curativo da Mae Siegel», A. J. White, Londres. E á venda em todas as pharmacia e armazens ou lojas de medicinas, em portugal, no Brazil e Colonias. Agente por grosso e a retalho, Lisboa, Vicente Pimentel & Quintans, rua da Prata, 194 e 196; Travessa da Assumpção, 26 a 32.

**COMPANHIA PORTUGUEZA**

DE

SEGURO DE VIDAS DE ANIMAES SOCIEDADE ANONYMA

RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL 500:000\$000 réis

Esta companhia toma seguros contra o risco de morte nos animaes de todas as especies existentes em qualquer ponto do paiz.

São por este meio convidados todos os proprietarios lavradores te creadores a comparecerem n'esta agencia aonde se prestam todos os esclarecimentos precisos para se effectuar este importante e vantajoso ramo de seguros.

**SEDE DA COMPANHIA**

RUA DA FIGUEIRA, N.º 2

**LISBOA**

O agente Domingos de Figueiredo, Morador na rua Pirita de Barcelinhos. (3)

**PILULAS E UNGUENTO DE HOLLOWAY**

Estes Medicamentos obtem uma acção e uma virtude mais favoraveis do que qualquer outro remedio no mundo.

As **Pilulas** são o melhor purificante conhecido para o sangue, corrige todas as desordens do figado, e do estomago, e são igualmente efficaazes nos casos de dysenteria; finalmente como remedio de familia não tem rival.

O **Unguento** cura prompto e radicalmente as feridas, ardores, chagras, ulcera (ainda que tenha vinte annos de existencia) e é um especifico infallivel contra as Infeccões cutaneas por nimis malignas que sejam, taes ce sy, lepra, escorbuto, sarna, e todas as affecções do pelle. Com caixa de pilulas, e pote de unguento vão acompanhados de amplas instrucções para o uso do respectivo medicamento, podendo se obter estas instrucções em todas as linguas conhecidas.

As preparações de Holloway vendem se em todas as partes do mundo, (sem exceptuar Sião, China, India, as Ilhas do Archipelago Oriental, Syria, Arabia, Grecia, e Turquia) e no nosso encontran se em todas as principais Boticas.

**IMP. BARCELLENSE**

**RUA DIREITA.**

**BARCELLOS**

Esta typographia encarrega-se de emprimir cartas, ciculares, editao, avisos para pagamento, mapas, ordens de pagamento, e quasquer outros trabalhos.

Trata-se nesta typographia.

HABILITADO NA FORMA DA LEI